

O Mito e a filosofia hoje.

Relembrando os conceitos

O mito não possui uma preocupação com o rigor lógico e argumentativo próprios da filosofia. Já, o discurso filosófico possui um cuidado com o rigor lógico. Os símbolos que são tão marcantes no mito não são utilizados pelos filósofos. O texto filosófico procura estabelecer conceitos e demonstrações sobre os mais variados tipos de assunto. Para o filósofo é muito importante que exista uma argumentação. A imaginação que é tão importante para os poetas e, portanto, para os mitos, não estará tão presente na linguagem de muitos filósofos. Em outras palavras, podemos dizer que o discurso mítico é mais livre, enquanto que o discurso filosófico apresenta-se mais crítico e questionador.

Os discursos do mito e da filosofia são formas do discurso do ser humano. Formas distintas, mas não opostas entre si. A experiência filosófica se aproxima e muito da narrativa mítica, pois são tentativas de compreensão do próprio ser humano e do mundo que o circunda. Assim, tanto o mito, quanto à filosofia apresentam-se como sabedoria pela qual os seres humanos tentam garantir sua sobrevivência, estabelecer sua identidade e buscam formular o sentido de sua existência.

O mito e a filosofia

A consciência do homem pré-histórico que existe antes do advento da escrita, permanece ingênua e dogmática. A frente veremos a passagem para o pensamento reflexivo com a consequente quebra da unidade do mito. A nova forma de compreensão do mundo dessacraliza o pensamento e a ação (isto é, retira dele o caráter de sobrenaturalidade), fazendo surgir a filosofia, a ciência, a técnica, a religião.

Augusto Comte, filósofo francês do século XIX e fundador do positivismo, explica a evolução da humanidade com a teoria dos três estados: Teológico, Metafísico e Positivo, e define a maturidade do espírito humano pelo abandono de todas as formas míticas e religiosas. Com isso privilegia o fato positivo, ou seja, o fato objetivo, que pode ser medido e controlado pela experimentação. Essa posição opõe radicalmente o mito à razão, ao mesmo tempo em que inferioriza o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade. Ao criticar o mito, o positivismo se mostra reducionista, empobrecendo as possibilidades de abordagens do mundo abertas ao homem. A ciência é necessária, mas não é a única interpretação válida do real, nem é suficiente. Quando exaltada, faz nascer o mito do cientificismo: a crença na ciência como única forma de saber possível, e mitos também prejudiciais, como o do progresso, cujo fruto mais amargo é a tecnocracia, e os da objetividade e neutralidade científicas.

Contrariando o positivismo, precisamos recuperar o mito, hoje, em sua importância como forma fundamental de todo viver humano. Ele é a primeira leitura do mundo, e o advento de outras abordagens do real não retira do homem aquilo que constitui a raiz da sua inteligibilidade. O mito é o ponto de partida para a compreensão do ser. Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão.

A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, como também na vida diária do homem ao proferir certas palavras ricas de ressonâncias míticas: casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte, cuja definição objetiva não esgota os significados subjacentes que ultrapassam os limites da própria subjetividade. Essas palavras nos remetem a valores arquetípos. Isto é, valores que são modelos universais, existentes na natureza inconsciente e primitiva de todos nós. O mesmo sucede com personalidades que os meios de comunicação se incumbem de transformar em imagens exemplares, como artistas, políticos, esportistas, e que, no imaginário das pessoas, representam todos os tipos de anseios: sucesso, poder, liderança, sexualidade etc.

Nas histórias em quadrinhos, o maniqueísmo retoma o arquétipo da luta entre o bem e o mal, e a dupla personalidade do super-herói, atinge em cheio o desejo do homem moderno de superar a própria impotência, tornando-se um ser excepcional.

O comportamento do homem também é permeado de "rituais", mesmo que secularizados: as comemorações de nascimentos, casamentos, aniversários, os festejos de ano novo, as festas de formatura, de debutantes, trote de calouros, lembram verdadeiros ritos de passagem.

Até as mais racionais adesões a partidos políticos e a correntes de pensamento supõem esse pano de fundo, não-justificado e injustificável, em que o homem se move em direção a um valor que o apaixona e que só posteriormente busca explicitar pela razão. Mito e razão se complementam mutuamente.

No entanto, o mito, recuperado no cotidiano do homem contemporâneo, não se apresenta com a abrangência que se fazia sentir no homem primitivo. O nascimento da reflexão permite a rejeição dos mitos prejudiciais ao homem. O exercício da crítica racional faz a diferenciação deles, legitimando alguns e negando outros que levam à desumanização. Para Gusdorf, "o mito propõe todos os valores, puros e impuros". Não é da sua atribuição autorizar tudo o que sugere. Nossa época conheceu o horror do desencadeamento dos mitos do poder e da raça, quando seu fascínio se exercia sem controle. A sabedoria é um equilíbrio. O mito propõe, mas cabe à consciência dispor. E foi talvez porque um racionalismo estreito demais fazia profissão de desprezar os mitos, que estes, deixados sem controle, tornaram-se "loucos".